

3. ARTIGOS

3.1. O AVENTAL DE HISTÓRIAS NO MUSEU DA VIDA: uma experiência de divulgação científica voltada para o público infantil

*Claudia Araujo de Oliveira**

Resumo:

Este artigo é resultado da experiência com o público infantil no Castelo Mourisco, no campus da Fiocruz, Manguinhos, Rio de Janeiro. O Castelo exerce fascínio nas crianças, que associam sua arquitetura aos contos de fadas. Construído para abrigar laboratórios de pesquisa, hoje também se destina a divulgar a história da instituição.

Palavras-chave: *Público infantil; Contação de histórias; Ação Educativa; Divulgação científica.*

Introdução

O Museu da Vida, localizado em Manguinhos, Rio de Janeiro, dentro do *campus* da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) - uma das maiores instituições de ciência e saúde da América Latina -, é um misto de museu e centro de ciência e tem a missão de promover a participação da população nas questões ligadas à saúde e à ciência e tecnologia. O Museu da Vida ocupa vários espaços separados geograficamente dentro do *campus*.

O avental de histórias é fruto do trabalho como mediadora no Passado e Presente, espaço do Museu da Vida que se localiza no Castelo Mourisco, cartão postal da Fundação Oswaldo Cruz e principal prédio de um conjunto histórico tombado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Situado no ponto mais alto do *campus* e de frente para a Avenida Brasil, uma das principais vias da cidade do Rio de Janeiro, o Castelo Mourisco desperta a curiosidade de quem passa por vários pontos da cidade, mesmo distantes. A aparência exótica da construção também funciona como um chamariz para muitas pessoas que chegam ao Museu pela primeira vez. Idealizado pelo cientista Oswaldo

*- Graduada em Museologia-UNIRIO. Especialista em Educação Profissional em Saúde, EPSJV/Fiocruz. Museu da Vida/Fiocruz.

Cruz para concentrar os laboratórios no início do século passado, hoje é utilizado como local de trabalho da presidência da instituição, diretorias e assessorias, além de ainda abrigar um laboratório, uma Biblioteca de Obras Raras e salas de exposição.

Com um vasto conteúdo de história institucional e história da saúde, as exposições tradicionais localizadas no Castelo, diferentemente dos outros espaços mais interativos do Museu, são compostas de objetos históricos em vitrines e painéis inadequados para o público infantil. Dessa maneira, foi lançado o desafio: diante das visitas frequentes de crianças com faixa etária cada vez menor, de educação infantil, qual seria a melhor maneira de receber esse público, tendo como premissa a interatividade, ludicidade e o prazer na visita? Em relação ao cuidado que se deve ter no acolhimento de crianças, Leite (2010, p.92) observa:

[...] nos museus em geral, podemos encontrar basicamente duas posturas que refletem a relação deste com a criança: aquela na qual parecem solicitar mais a participação das crianças em sua dimensão imaginativa, dando-as oportunidade de experimentar, testar hipóteses, falar, perguntar, ao mesmo tempo em que são desafiadas a problematizarem suas descobertas, recebendo informações que desestabilizam as aparentes certezas; e uma segunda, que privilegia um conhecimento exterior à criança e que se concentra em transmitir informações [...] Certamente essa segunda opção dificulta o acesso dos pequeninos.

A ideia do avental de história

Atraídas pela arquitetura do Castelo, e sem saber a história daquele lugar, crianças na faixa de três a nove anos chegam ao local trazendo no seu imaginário os castelos vistos em contos de fadas e na televisão, com príncipes e princesas, reis e rainhas. Ao saberem que o Castelo foi construído para ser local de trabalho e que foi idealizado por um cientista, percebemos no semblante dos pequenos visitantes uma certa decepção. O que fazer ou o que dizer - e como dizê-lo - para manter o interesse das crianças por este lugar que, embora fascinante em termos de riqueza de elementos arquitetônicos, não está adaptado para receber o público infantil, tendo em vista suas exposições tradicionais?

O imaginário do público infantil associado à figura do cientista é marcado por uma série de estereótipos: há o cientista maluco; o inventor; o sujeito por trás de idéias maléficas; o gênio; o ser anti-social que vive enclausurado no laboratório. De acordo com pesquisa de percepção de

público realizada em 2010 pelo Ministério de Ciência e Tecnologia e pelo Museu da Vida¹, 87,6 % dos entrevistados não conhecia um cientista brasileiro importante. Sintoma, por assim dizer, de uma baixa cultura científica do conjunto da sociedade. Este quadro revela o grande desafio - especialmente para os profissionais de museus e centros de ciência - de desmistificar essa profissão, assim como de despertar a curiosidade de crianças para os temas de ciência, a fim de ampliar a cultura científica e tecnológica da população.

A partir da experiência como colaboradora no grupo de contadores de histórias do Museu da Vida; da participação como integrante em um Grupo de Estudos e Ações para o Público Infantil (GEAEPI)² no Museu, e do interesse em narrativas, surgiu o desejo de criar uma história especialmente voltada para o público infantil, tendo como referência as exposições e/ou os temas já abordados para o público juvenil e adulto. Segundo Elias José (2007, p. 60): “A narração é uma arte que diverte, educa, ensina, desperta a criança para o espírito ético, para a verdadeira cidadania e, sobretudo, estimula a leitura literária. Mas tudo isso acontece de forma indireta, simbólica, nunca em tom didático e discursivo”.

A ideia do avental surgiu após observação de um grupo de teatro do Rio de Janeiro, intitulado Tapetes Contadores de Histórias³, que faz adaptação da literatura infantil para a contação oral por meio de recursos como tapetes, aventais e outros suportes para tal atividade. O avental funciona como o cenário da história e representa a antiga fazenda de Maguinhos. Possui bolsos onde se escondem personagens que vão aparecendo com o desenrolar do enredo - o que gera enorme curiosidade nas crianças, também atraídas pela aparência artesanal e colorida do avental. Este modo de contar histórias mostrou-se adequado ao espaço de visitação do Castelo Mourisco, que conta com uma ampla varanda. Após a contação, foi incluído um momento de bate-papo e de apresentação de fotos históricas da origem da Fundação Oswaldo Cruz.

No exercício de elaboração da história voltada para o público infantil, procurou-se conjugar objetivos importantes: uma história curta; que

1- <<http://www.museudavida.fiocruz.br/media/enquete2010.pdf>> Acesso em 25 de fevereiro de 2014.

2- A materialização da ideia do avental deve-se à participação neste grupo (2007 – 2011), ligado ao Serviço de Educação em Ciências e Saúde (Museu da Vida), no projeto “Ações educativas em ciência e saúde: uma parceria museu-escola para a formação de professores”, com apoio financeiro da FAPERJ.

3- <http://tapetescontadores.com.br/> Acesso em 25 de fevereiro de 2014.

gerasse curiosidade; que não comprometesse a veracidade das nossas fontes históricas e que trouxesse elementos/personagens com os quais as crianças pudessem se identificar. História essa que seria testada e, se preciso, modificada, ao longo da experiência com as turmas.

O passo seguinte na criação da narrativa foi relacionar as ideias acumuladas ao longo da experiência com crianças. Também foram consideradas questões relacionadas aos conceitos de educação patrimonial e de valorização do patrimônio cultural. Segundo Horta (1999, p.6), A educação patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia. Ou seja, houve intenção de fazer com que as crianças entendessem a importância daquele patrimônio: Por que o castelo é importante? Só porque é bonito? Por que um cientista decidiu fazer um castelo para abrigar laboratórios? Foi porque Oswaldo Cruz era um cientista maluco?

A narrativa abrange todos os aspectos citados acima e mostra o quanto a história de Cruz pode ser tão instigante quanto a dos contos de fadas. Também ressalta a preocupação/visão do cientista em preservar a memória e divulgar o trabalho da instituição ao criar um símbolo da pesquisa em saúde, como é o caso do Castelo.

O texto concebido para a atividade foi submetido a uma equipe multidisciplinar do Museu e passou pela avaliação de Luísa Massarani, especialista em divulgação científica, e de Wanda Susana Hamilton, profissional de teatro, uma vez que a contação envolve características teatrais.

Considerações finais

Considerou-se importante fazer, sistematicamente, registros de observação e das falas das crianças durante a atividade. Parafraseando o músico e letrista Ronaldo Antunes: “O seu olhar melhora o meu”. Afinal, quem nos ensina sobre o universo infantil são as próprias crianças. A partir deste trabalho, foi possível conhecer o que elas trazem sobre os temas apresentados, assim como, aproveitar os registros para aperfeiçoar o que foi realizado até o momento.

Após a boa recepção desta iniciativa pelo público, surgiram outras modalidades de contação no Museu e mais quatro histórias novas, sobre temas diversos, foram criadas utilizando, basicamente, o mesmo recurso material: tecidos coloridos variados, que têm impacto estético atraente.

Seguindo o caminho inverso da contação tradicional, na qual livros impressos são divulgados oralmente, as histórias criadas para os aventais levaram à publicação de uma série de livros infantis, de distribuição gratuita, denominada “Histórias do Museu da Vida”. Um dos volumes da série reproduz a história do avental *Oswaldo e seu castelo*. Esses e outros desdobramentos da experiência relatada nesse artigo contribuem para a divulgação dos temas de saúde e ciência, tendo em vista um público muito especial, o público infantil.

BIBLIOGRAFIA

HORTA, M. L. P. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

JOSÉ, E. *Literatura Infantil: ler, contar e encantar crianças*. Porto Alegre: Mediação, 2007.

LEITE, M. I.; SANTOS, A. P. (Org.). *Criança pequena e museu: uma relação possível (e desejada)*. In: *Diálogos entre Arte e Público: caderno de textos*. Recife: Fundação de cultura cidade do Recife, v.3, 2010.

Agradeço à equipe multidisciplinar do Museu da Vida, em especial, José Siqueira Neto; às companheiras do GEAEPI, à FAPERJ pelo financiamento; à Luisa Massarani e Rosicler Neves pelo apoio e incentivo da atividade, e à mais nova integrante de nossa equipe, Tereza Osório pela revisão deste texto.
